

Para Bird, política interna é 'capenga'

WASHINGTON (do Correspondente) — O fracasso do Brasil, em termos da resolução do problema da dívida externa, é explicado pelo Banco Mundial (Bird) como resultado de uma política interna "capenga". "Está muito claro o fato de que as políticas domésticas falharam em vários casos, como o do Brasil, que só conseguiu chegar ao fim do ano numa situação razoável graças a seus extraordinários superávits comerciais", disse o Vice-Presidente do Bird, Stanley Fischer, ao antecipar cópias do relatório anual do banco à imprensa internacional.

Mais tarde, em entrevista ao GLOBO, ele diria que os brasileiros em geral não deveriam interpretar os graves problemas econômicos que vêm sofrendo como um resultado direto da renegociação da dívida externa, feita há um ano. O problema, segundo ele, não foi em si o acerto com os banqueiros, mas a falta de coragem do Governo em colocar em prática as medidas que poderiam ter recolocado o País nos eixos novamente.

— O acordo do Brasil com os banqueiros não funcionou especialmente devido ao fato de que o País não esteve bem internamente. Ou seja, os problemas do Brasil são consequência basicamente da sua má ad-

ministração, das falhas de sua política doméstica. Foram cometidos muitos erros — afirmou.

Segundo Fischer, deve-se a esses fatores internos os problemas encontrados pelo Brasil na obtenção de novos recursos do próprio Bird. O Plano Cruzado Novo era visto como uma boa iniciativa, mas que ficou no papel. "A questão é que o Governo não colocou em prática a parte mais dura desse plano, como por exemplo o corte dos gastos públicos", comentou Fischer.

As expectativas para 1990 são grandes: espera-se, no Bird, que o novo Presidente do Brasil encare de frente os problemas reais do País e promova os ajustes necessários. O resultado das eleições presidenciais, em princípio, parece não afetar muito as perspectivas traçadas pela diretoria do Banco Mundial. Vença Fernando Collor de Mello ou Luís Inácio Lula da Silva, o tratamento deverá ser o mesmo. Ou seja: o Brasil voltará a ser o maior beneficiário dos empréstimos do Banco Mundial na medida em que retomar o caminho do crescimento com base em projetos que, além de bem elaborados, sejam realmente cumpridos. Em resumo, o novo Governo vai precisar reconquistar a confiança dos credores internacionais.